

CAPITALISMO E REVOLUÇÃO

CAPITALISMO Y REVOLUCIÓN

CAPITALISM AND REVOLUTION

Máuri de Carvalho¹

Resumo: O presente estudo foi movido pela nova crise cíclica do capitalismo procurando resgatar sua relação histórica com a revolução. O autor ao perquirir sobre a relação entre capitalismo e imperialismo (causa) e seu sucedâneo a *revolução* (conseqüência histórica), entende não ser possível se ater apenas à visão econômica da história, eis que não se pode prescindir de uma visão histórica da economia, pois não há nenhuma separação insuperável entre economia e história. No estudo afirma-se a teoria marxista como sendo aquela que melhor explica a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas no transcurso de um longo e conflituoso processo histórico. Para Marx a permanência do primado do capital inviabiliza a realização das demandas da classe operária. É a *revolução* e não a educação o mecanismo utilizado para demolir a ordem jurídica e econômica capitalista. O opúsculo *Glosas Críticas ao artigo 'O rei da Prússia e a reforma social'*, é o ponto chave do itinerário intelectual à compreensão da sublevação dos tecelões da Silésia como marco de uma nova fase do pensamento de Marx, ao incorporar definitivamente a *revolução* socialista como parteira da história. O objetivo deste estudo é contrapor-se à falsificação em curso do marxismo que a todo custo procura impedir o desvelar das sutis mentiras da ideologia neoliberal, para resgatar a obra marxista e seu verdadeiro valor, não como dogma, como dizia Engels, mas como guia para a ação. Nas considerações finais afirmo: 1. O marxismo não pode ser reduzido à simples disciplina universitária por uma simples questão: ele só pode ser reencontrado em sua totalidade a partir do movimento obreiro revolucionário, isto é, em sua estreita relação com a luta de classes, fora da qual perde todo seu significado histórico e filosófico, bem como sua importância política e revolucionária. 2. A *revolução* é parte indissociável do processo da transformação social, quer dizer, a *revolução* está posta como questão incontornável para aqueles que acreditam e lutam pela edificação da *sociedade comunista*.

Palavras Chave: Marxismo. Comunismo. Crítica radical. Materialismo.

Resumen: El presente estudio fue motivado por la nueva crisis cíclica del capitalismo, en la tentativa de rescatar su relación histórica con la revolución. El autor, al indagar sobre la relación entre capitalismo e imperialismo (causa) y su sucedáneo la *revolución* (consecuencia histórica), entiende que no es posible atenerse solamente a la visión económica de la historia, ya que no se puede prescindir de una visión histórica de la economía y que no hay ninguna separación insuperable entre economía e historia. En el estudio se afirma que es la teoría marxista la que mejor explica la evolución de las relaciones económicas en las sociedades humanas, en el transcurso de un largo y conflictivo proceso histórico. Para Marx, la permanencia de la primacía del capital inviabiliza que las demandas de la clase obrera se realicen. Es la *revolución* y no la educación el mecanismo utilizado para demoler el orden jurídico y económico capitalista. El opúsculo *Glosas críticas al artículo "El rey de Prusia y la reforma social"*, es el punto clave del recorrido intelectual para la comprensión de la sublevación de los tejedores de Silesia, como marco de una nueva fase del pensamiento de Marx, al incorporar definitivamente la *revolución* socialista como partera de la historia. El objetivo de este estudio es contraponerse a la falsificación del marxismo, en curso, que a todo costo intenta impedir o revelar las sutiles mentiras de la ideología neoliberal, para rescatar la obra marxista y su verdadero valor, no como dogma, como decía Engels, sino como guía para la acción. En las consideraciones finales se afirma lo siguiente: 1. El marxismo no puede reducirse a una simple asignatura universitaria por una sencilla razón: el mismo sólo puede ser encontrado en su totalidad a partir del movimiento obrero revolucionario, es decir, en su relación estrecha con la lucha de clases, fuera de la que pierde todo su significado histórico y filosófico, bien como su importancia política y revolucionaria. 2. La *revolución* está colocada como una cuestión incortornable para aquellos que creen y luchan por la construcción de una sociedad *comunista*.

Palabras clave: Marxismo, Comunismo, Crítica Radical, Materialismo.

Abstract: This present study was a motivation caused by the new cyclic crisis of Capitalism and it attempts to rescue its historic relation with the revolution. The author, while enquiring the relation between capitalism and imperialism (cause) and what comes afterwards, the *revolution* (historic consequence), understands that there is no possibility to hold only to the economic view of history once one can not overlook a historic view of economy as there is no likely separation between economy and history. This study claims that the Marxist theory is the one that best explains the evolution of economic relations in human societies in the conflicting and long historic process. For Marx, the permanence of the Capital hinders the realization of the demands by the working class. It is the *revolution* and not the education the mechanism used to demolish the juridical and economic order of capitalism. The opusculum *Glosas Críticas ao artigo 'O rei da Prússia e a reforma social'* is the key to the intellectual understanding of the under-elevation of the Silesian weavers as a mark of a new phase of Marx's thoughts, as it finally incorporates the socialist revolution as the history midwife. The objective of this study is to counterpoint the on-going falsification of Marxism as it strongly tries to prevent the outbreak of subtle lies of the neoliberal ideology, in order to rescue the Marx works and their true value, not as a dogma, as said by Engels, but as a guide to action. The final remarks highlight that 1. Marxism can not be reduced to a university subject-matter course for just a simple reason: it can only be found in its totality upon the revolutionary labor work, that is, upon its close relation with the struggle of classes, out of which it has no historical or philosophical meaning or political and revolutionary relevance; and 2. The *revolution* is a joint process of social transformation, that is to say that revolution is seen as a undisputable issue for those Who believe and fight for the construction of the *communist society*.

Key words: Marxism. Communism. Radical criticism. Materialism.

Postscriptum

Quando entramos em contato pela primeira vez com os comunistas ortodoxos, leninistas, stalinistas e maoístas em pouco tempo começamos a ver o mundo com outros olhos, e aquilo que até então nos parecia incompreensível, imutável e inexplicável era apenas a consequência inevitável do funcionamento normal do capitalismo em sua etapa imperialista (SWEZZY, 1982).

A partir de então tivemos pouca dificuldade em entender e aceitar a tese segundo a qual a saída das recidivas crises capitalistas estava não na sua concertação, mas no fantasma que não foi esconjurado, a *revolução*. Esta solução os jacobinos e bolcheviques foram os primeiros a colocar em prática. E ainda que possam dizer que os tempos mudaram, a *revolução* é a única solução à transformação das estruturas perversas do capitalismo.

O convívio amíúde com aqueles comunistas ortodoxos fez com que assumíssemos uma missão, cuja consciência sobre ela flui adquirindo parcimoniosamente na militância partidária e sindical, e na labuta acadêmica: o marxismo deveria permanecer parte integrante e incontornável da vida intelectual, especialmente no ambiente acadêmico e profissional. No ambiente acadêmico muitas e loquazes são as vozes que se erguem, algumas em tom acabrunhado, outras tonitruantes, mas todas afirmando a possibilidade de acoplar ao marxismo antagônicas teorias. O que pretendem é mesclar a dialética materialista com a metafísica idealista, para deformá-la e aprisioná-la à fôrma conservadora para em seguida dela retirar sua *anima* crítica e revolucionária.

No mundo acadêmico o modo metafísico de pensar, cujas limitações e sua natureza foram habilmente apontadas por Engels, assumiu a hegemonia impondo-se, ora pela indiferença, ora pela deformação dos princípios do marxismo (SWEZZY, 1982). Diante das proporções desse fenômeno tomamos um dos nossos livros de cabeceira, o *Anti-Dübring*, para lembrar aos leitores uma de suas passagens, considerada por nós como a mais clara exposição sobre o modo materialista, dialético e histórico de pensar/ver e compreender o mundo:

Marx e eu fomos, sem dúvida alguma, os únicos que salvaram da filosofia idealista alemã a dialética consciente, incluindo-a na nossa concepção materialista da natureza e da história. Mas uma concepção da história, ao mesmo tempo dialética e materialista, exige o conhecimento das matemáticas (sic) e das ciências naturais (ENGELS, 1976, p. 10).

Para Marx e Engels era incompreensível a separação insuperável entre natureza e sociedade, nem, em consequência, entre ciências naturais e ciências sociais. Simplificando, eles não admitiam a separação entre biologia e sociologia, posto que o papel histórico de qualquer ciência seja ela, natural ou social, biológica ou sociológica, e isto não se deveria perder de vista, é o entendimento e a explicação de um ou vários aspectos da realidade objetiva. Vale lembrar que se a realidade tem problemas e características específicas, então “a facilidade e as proporções com que se pode alcançar o conhecimento fidedigno” poderão “variar de uma ciência para a outra” (SWEZZY, 1982, p. 18).

Por este o motivo o uso da palavra ciência tem sido atribuído àquelas encimadas no princípio da verificação imediata. Essa reserva da palavra ciência às ciências naturais de caráter experimental é fruto da infestação da cidade do capital pelo modo de pensar metafísico.

Pois bem, na citação de Engels antes mencionada, o autor faz alusão ao modo dialético de pensar como antípoda do modo de pensar metafísico que, infelizmente, infestou e se disseminou também no interior do marxismo e com tal magnitude e força que muitos dos discursos “marxistas” sobre as crises cíclicas do capitalismo, notadamente a mais recente, não são dialéticos, mas metafísicos. Explico.

A citação longa transcrita abaixo, na opinião de muitos marxistas é uma obra prima de exposição e esclarecimento propiciada pela obra esquecida, grosso modo, menosprezada, certamente por que foi escrita para um público de origem popular e não para uma casta de intelectuais iluminados e vaidosos. A citação a qual estou a reportar-me está consignada na *Introdução* do *Anti-Dübring* – Primeiro Capítulo – *Generalidades*:

Se submetermos à consideração especulativa a natureza ou a história humana ou a nossa própria atividade especulativa, encontrar-nos-emos, logo de início, com uma trama infinita de concatenações e de mutuas influências, onde nada permanece o que era nem como e onde existia, mas tudo se destrói, se transforma, nasce e perece. Esta intuição do mundo, primitiva, simplista, mas perfeitamente exata e congruente com a verdade das coisas, foi utilizada pelos antigos filósofos gregos e aparece expressa claramente, pela primeira vez, em Heráclito: “tudo é não é, pois tudo flui, tudo está sujeito a um processo constante de transformação, de incessante nascer e perecer”. Mas esta intuição, por ser exatamente a que reflete o caráter geral de todo o mundo dos fenômenos, não basta para explicar os elementos isolados de que se forma todo esse mundo. E esta explicação é indispensável, pois, sem ela, nem mesmo a imagem total adquirirá sentido exato. Para penetrar nesses elementos, antes de mais nada, precisamos destacá-los de seu tronco histórico ou natural e investigá-los separadamente, cada um de *per se*, em sua estrutura, causas e efeitos que em seu seio se produzem etc. Com efeito, é essa a missão primordial das ciências naturais e da história, ramos de investigação que os gregos clássicos situavam, com bastante razão, num plano puramente secundário, uma vez que o seu papel se restringia, substancialmente, a fornecer, por um trabalho de classificação, os materiais científicos. Os rudimentos das ciências naturais exatas não se desenvolvem até chegar aos gregos do período alexandrino e, muito mais tarde, na Idade Média, com os árabes. Na realidade, a autêntica ciência da natureza data somente da segunda metade do século XV e, a partir de então, não fez mais que progredir com velocidade constantemente acelerada.

A análise da natureza em suas diferentes partes, a classificação dos diversos fenômenos e objetos naturais em determinadas categorias, a investigação interna dos corpos orgânicos segundo a sua diferente estrutura anatômica, foram outras tantas condições fundamentais as quais obedeceram os progressos gigantescos realizados nos últimos quatrocentos anos, no que se refere ao conhecimento científico da natureza. Mas estes progressos processaram juntamente com o progresso no modo de analisar as coisas e os fenômenos da natureza, **isoladamente, destacado da grade concatenação do universo. Não são, pois, encarados dinamicamente, mas estaticamente, não são considerados como situações substancialmente variáveis, mas como dados fixos, dissecados como materiais mortos e não aprendidos como objetos vivos.** Por esse método de observação, ao passar, com Bacon e Locke, das ciências naturais à filosofia, **sobreveio a limitação específica, características destes últimos tempos, no método metafísico de especulação.**

Para o metafísico, as coisas e suas imagens no pensamento, os conceitos, são objetos isolados de investigação, objetos fixos, imóveis, observados um após o outro, cada qual de *per se*, **como algo determinado e perene.** O metafísico pensa em toda uma série de antíteses desconexas para ele, há apenas o sim e o não e, quando sai desses moldes, encontra somente uma fonte de transtorno e confusão. Para ele, uma coisa existe ou não existe. Não concebe que essa coisa seja, ao mesmo tempo, o que é e outra coisa distinta. Ambas se excluem positiva ou negativamente. Causa e efeito se revestem da forma de uma antítese rígida. A primeira vista, esse método especulativo parece-nos extraordinariamente plausível, porque é o do chamado senso comum. (...) É o método do pensamento metafísico, por justo e necessário que seja em vastas zonas do pensamento, mais ou menos extensas, de acordo com a natureza do objeto de que se trata, tropeça sempre, cedo ou tarde, com uma barreira, que, franqueada, faz com que ele se torne **um método unilateral, limitado, abstrato; perde-se em contradições insolúveis**, uma vez que, absorvidos pelos objetos concretos, não consegue enxergar suas relações. Preocupado com sua própria existência, **não reflete sobre sua gênese e sua caducidade;** concentrado em suas condições estáticas, não percebe a sua dinâmica; **obcecado pelas árvores não consegue ver o bosque** (ENGELS, 1976, p. 20-21)².

O metafísico ao admitir que os fenômenos sociais historicamente situados e politicamente determinados como, por exemplo, o Sindicato e o Partido são definitivos e imutáveis, é porque lhe escapa o movimento e as causas da sua modificação. Fragmentando, reduzindo e isolando arbitrariamente as coisas e os fatos, o metafísico diz que de um lado está o homem, do outro, a sociedade. Neste caso, diz ele, se destruídes a sociedade capitalista, terás uma sociedade socialista, todavia, o homem continuará sendo o homem.

O metafísico separa arbitrariamente o que é inseparável. Para ele a questão é a seguinte: a vida é a vida, a morte é a morte, sindicato é sindicato, partido é partido, política é política, educação é educação, nada pode existir de comum entre eles. O metafísico não consegue compreender que se a democracia é literalmente o poder do povo, dos pobres e oprimidos, e que só se pode falar realmente de *democracia* quando o poder, todo o poder, pertencer somente aos camponeses pobres e aos trabalhadores oprimidos nas vilas, nas filas e favelas.

Intróito

O sonho talvez mais antigo dos socialistas e comunistas, o de uma vida decente para todos, está ao alcance, e tem hoje bases mais sólidas (tecnológicas e econômicas) do que em qualquer momento do passado. Talvez seja chegada a hora de revivermos o sonho e nos dedicarmos novamente a fazer dele uma realidade (SWEZZY, 1982, p. 59).

A compreensão da relação genética entre capitalismo e imperialismo (causa) e seu sucedâneo, a *revolução* (consequência histórica) não pode ater-se apenas à visão econômica da histórica, quer dizer, não pode prescindir de uma visão histórica da economia, isto porque não há nenhuma separação insuperável entre economia e história. Neste caso, é a teoria marxista aquela que melhor explica a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas no transcurso de um longo e conflituoso processo histórico, e que, portanto, supera as dualidades e os pseudoproblemas.

Segundo a tradição marxista, o que move o desenvolvimento das sociedades humanas é o permanente movimento dialético, quer dizer, a luta entre opressores e oprimidos, isto porque e como está claramente apontada no *Manifesto do Partido Comunista*, a história de toda sociedade passada é a história da luta de classes.

As classes sociais são produtos e produtoras das relações econômicas de cada época histórica e apesar das diversidades aparentes entre escravidão, servidão e capitalismo, elas são partes constitutivas de um processo único. Até porque, se a base da sociedade é a produção econômica, não se pode esquecer a relação entre forças produtivas e relações de produção e nem que sobre a base econômica é erguida uma superestrutura jurídica, política e ideológica, ou seja, um Estado e um conjunto de idéias (ideologia) econômicas, sociais, políticas, morais, filosóficas e artísticas.

Para Marx era necessário inverter a pirâmide social, ou seja, era imprescindível que o poder fosse tomado de assalto pelos proletários, que, para ele, representava a única força capaz de demolir o poder da burguesia e, conseqüentemente destruir o Estado capitalista para construir o modo comunista de produção da existência, cuja etapa primeira seria o socialismo, ditadura do proletariado.

Marx tinha como certo que os trabalhadores estavam dominados pela ideologia da classe dominante, ou seja, as idéias que eles tinham/têm do mundo e da sociedade seriam/são as idéias que a burguesia constrói/espalha e apresenta como idéias da sociedade como um todo. As crises econômicas cíclicas do capitalismo eram apontadas como óbices ao desenvolvimento das forças produtivas. Assim, Marx considera como absurdo o fato da classe operária se dedicar a trabalhar/produzir riquezas, subordinada a um pequeno conjunto de parasitas.

Na tradição legada por Marx e Engels, bem trabalhada por Lenin, uma crise econômica por mais aguda que seja não é motivo suficiente para o desenrolar de uma *revolução*. O leitmotiv decisivo desse processo é, sobretudo, a compreensão da relação entre condições objetivas e condições subjetivas, dela decorrendo ações da classe social dominada e extorquida contra a propriedade privada dos meios de produção, ou seja, a luta de classes (burgueses x proletários), prerrogativa da sociedade capitalista pressupõe: *primo*, a incapacidade da burguesia em atender as demandas da maioria da população e, notadamente, da classe operária, e o desejo do operariado por termo o processo de extorsão no qual sua humanidade se encontra negada; e, *secondo*, a existência de uma teoria revolucionária e de um partido comunista (escola de comunismo) capaz de levar avante a atualização da teoria e sua divulgação no interior da classe social à qual diz servir: a classe operária.

Não podemos esquecer que à classe operária cabe o processo (organização e direção) de auto-emancipação, ruptura com a ordem estabelecida e edificação de uma sociedade onde o livre desenvolvimento de cada um é a base para o livre desenvolvimento de todos.

Exatamente por isto, é que a luta do proletariado não pode e não deve ser limitada à luta sindical por melhores salários e melhores condições de vida na cidade do capital. Essa luta deve ser, sobretudo uma luta ideológica e política à medida que o objetivo final (o socialismo em direção ao comunismo) seja conhecido pelos trabalhadores e por eles assumido como embate pela tomada do poder sobre os meios de produção material e intelectual.

O proletariado não pode prescindir, como advogam os “marxistas de cátedra” e os *neomarxistas*, de uma arma fundamental que é o marxismo enquanto “crítica das armas”, cuja ação fulcral é educação e organização dos trabalhadores objetivando sua *emancipação intelectual e formação política* voltada à conquista do poder por intermédio da *revolução*.

Marx demonstrou de forma peremptória que o capitalismo é geneticamente promotor de injustiças sociais, diante deste fato incontornável o modo de uma pessoa tornar-se rica e ampliar sua fortuna é via exploração da força de trabalho alheia, ou seja, o capitalismo é selvagem, à medida que o operário sustenta do berço ao túmulo os capitalistas à custa do próprio sustento. O trabalhador trabalha para enriquecer uma minoria parasitária, enquanto empobrece, adoce e morre. O capitalismo é, necessariamente, um modo de produção constituído economicamente pela extorsão de mais-valia do da força de trabalho. Esta é a sua lei fundamental.

Em termos simplificados a **mais-valia** a diferença entre o preço da força de trabalho numa jornada, por exemplo, de seis horas/dia e o preço pelo qual o trabalhador vende o resultado de 10 horas trabalhadas. Neste sentido, quanto menos pagar ao operário e quanto maior for a duração da jornada de trabalho (**mais-valia absoluta**), tanto maior o lucro do capitalista.

Com a redução da jornada de trabalho, no capitalismo contemporâneo, o lucro é sustentado pela **mais-valia relativa** (em oposição à **mais-valia absoluta**, embora o uso desta tenha sido uma recorrência recente), ou seja, esse processo consiste em aumentar a produtividade do trabalho, por intermédio do aperfeiçoamento tecnológico. Marx tinha razão quando reportou que o operário cada vez se empobrece mais, quando produz mais riquezas, tal fato faz com que ele se torne uma mercadoria mais vil do que as mercadorias por ele criadas.

Quanto mais o mundo do capital aumenta o valor das coisas, mais o mundo dos homens (trabalhadores) se desvaloriza. Nesta relação desproporcional e direta se instala o processo de *alienação*. O trabalho torna-se alienado quando ao produzir objetos alheios ao trabalhador. A propósito o raciocínio de Marx é muito claro e bastante simples: ao criar algo fora de si, o operário se nega no objeto criado. Este processo é conhecido como *objetivação*. O trabalho ao criar algo alheio ao trabalhador que o cria permanecerá alienado até que o valor nele incorporado pela força de trabalho seja apropriado integralmente pelo trabalhador.

A produção capitalista representa a *negação* do trabalhador uma vez que o objeto criado se opõe ao sujeito que o criou e o nega à medida que o pressupõe e até o define. A apropriação do valor incorporado ao objeto graças à força de trabalho do sujeito-produtor promove a *negação da negação*. E se a negação representa a alienação, então a *negação da negação* é o processo histórico de desalienação. Neste caso, somente a partir do momento que o trabalhador (o sujeito-produtor) atribui valor de uso ao que produziu/produz é porque o trabalho já não é mais alienado.

Acerca a revolução

Revolucionário intempestivo, líder operário e intelectual comunista intransigente, Marx exerceu e ainda exerce grande e incontestável influência sobre o pensamento filosófico e social moderno e contemporâneo, e sobre os movimentos operários e comunistas da humanidade a partir do segundo quartel do século XIX, Marx nos deixou como legado uma formulação axiomática assim expressa: a verdade é universal, ela não nos pertence, pertence-nos a todos, possuí-nos, nós não a possuímos.

Ignorado pelos acadêmicos de sua época e pelos acadêmicos da época presente, o conjunto de suas idéias filosóficas, econômicas e políticas, de forma decisiva, foi aceito pelo movimento obreiro internacional, muito antes de sua morte, ocorrida em 1883, como também foi um divisor de águas. Poder-se-ia colocar a questão nos seguintes termos: a produção do conhecimento existe antes de Marx e depois de Marx.

Pensador genial, Marx teve suas idéias originais com frequência obscurecidas pelas variegadas tentativas de adaptar seu significado às circunstâncias políticas as mais diversas possíveis.

Vale reportar que a nossa pretensão implícita neste estudo é, em primeiro lugar, rastrear na obra de Marx e Engels – conectando-a à obra de Lenin – o significado histórico da *emancipação humana*, e, em segundo lugar, esquadrihar essas obras atrás dos argumentos favoráveis à *revolução* como meio de edificação da sociedade socialista e meio à consecução da *emancipação da humanidade em geral* que, a rigor, jamais poderá prescindir da *revolução*.

À cata das teses marxistas sobre a *revolução*, um opúsculo de Marx intitulado *Glosas Críticas ao artigo 'O rei da Prússia e a reforma social'* – representa o ponto chave do itinerário intelectual que estamos a percorrer. Nele localizamos a *sublevação dos tecelões da Silésia*³, movimento de revolta dos operários silesianos, como marco de uma nova fase do pensamento e da obra de Marx, a postular a tese da auto-emancipação revolucionária do proletariado. A leitura desse opúsculo revela, duas questões como cruciais, sem as quais o entendimento sobre a *revolução* na obra de Marx fica prejudicado.

Em primeiro lugar, é preciso compreender que Marx, após a *revolta dos operários da Silésia*, constrói sua crítica no estreito convívio com os movimentos insurrecionais da classe operária de seu tempo. A partir da classe operária, com ela e para ela, Marx produz sua vasta obra, portanto, não faz sentido separar o pensador do líder revolucionário.

Em segundo lugar, a *revolução*, a velha toupeira que corrói as bases da cidade do capital, foi intencionalmente esquecida e suprimida dos discursos e análises dos *neomarxistas*, dos marxistas de laboratórios e marxólogos sobre a história recente deste país.

Suspeitamos que a *teoria da revolução* de Marx tenha se tornado mais um tema tributário ou apêndice da sua obra, como dizem seus “críticos”, historicamente ultrapassada pela mundialização do capitalismo, embora Marx tenha formulado essa teoria já na *Introdução à Crítica da Economia Política*.

Ao arrepio dos “críticos” de plantão e de forma peremptória reporto que a *revolução* cujo significado é a *derrota* do poder existente e a *dissolução* das velhas relações, só podem ser entendidas em seu conjunto como um ato político. Sem *revolução* e, portanto, sem a dissolução da extorsão da força de trabalho pelo capitalista, não se pode chegar ao *socialismo*. O socialismo como apontava Marx, “necessita deste dito ato político, enquanto necessita da *destruição* e da *dissolução*” (MARX, 1987, p. 520).

A *revolução social* do ponto de vista da *totalidade* – ainda que se produza em *um* único país – encerra um protesto dos operários e trabalhadores assalariados, extorquidos pelos capitalistas, contra as suas vidas desumanizadas, ela está além do ponto de vista do individualismo pequeno burguês. A alma política da *revolução socialista* consiste na *tendência* da classe carente de influência política superar o *distanciamento* histórico, imposto pela classe dominante, no tocante ao Estado e ao poder econômico.

A *revolução* não é um apêndice extemporâneo insepulto no meio de suas considerações mais gerais sobre o desenvolvimento do capitalismo e sua necessária superação a ser iniciada na transição à sociedade comunista, mas o aspecto imprescindível que une e dá sentido diferenciado à prática social e aponta a obra de Marx, queiram ou não, como a apologia da *revolução*. Escusado dizer, Marx era um revolucionário.

Portanto, isolar a análise científica da economia política implementada por Marx da *revolução* – momento necessário à transição do capitalismo para o comunismo – é procurar reduzir esse pensador e militante comunista genial aos limites do academicismo tão ao gosto das ciências sociais burguesas.

Mesmo esquecendo as vinculações operárias da obra de Marx, os intelectuais

Não brotam da terra como cogumelos, eles são frutos da sua época, do seu povo, cujas energias, tanto as mais sutis e preciosas como as menos visíveis, se exprimem nas idéias filosóficas. O espírito que constrói os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos é o mesmo que constrói os caminhos de ferro com as mãos dos trabalhadores. A filosofia não é exterior ao mundo (MARX, 1990, p. 14).

Os comunistas não esqueceram, seu papel histórico é “revolucionar o mundo existente, aprender e transformar praticamente as coisas existentes” (MARX, 1990, p. 30); suas idéias são criações das relações de produção e de propriedade burguesas, assim como o direito em voga mais não é que a vontade da classe dominante instituída e expressa em lei, vontade cujo conteúdo é determinado pelas condições de existência materiais dessa classe (MARX, 1990, p. 98)?

A confirmação de que Marx continua correto na crítica da economia política e a difusão de suas idéias no seio do conjunto da classe operária e dos estudantes, fazem com que inevitavelmente freqüentes e agudos ataques dos intelectuais orgânicos da burguesia sejam construídos contra Marx [sua obra e, por

extensão, contra o marxismo] que, a rigor, “sempre sai mais fortalecido, mais temperado, e mais ativo após cada uma das suas ‘destruições’ pela ciência oficial” (LENIN, 1977, p. 40).

A falsificação da obra marxista tem por finalidade, em primeiro lugar, impedir que sejam desmascaradas as sutis mentiras da ideologia reacionária e, em segundo lugar, que seja dada à obra marxista “seu verdadeiro valor: não um valor de dogma, como dizia Engels, senão o valor de um guia para a ação” (LENIN, 1977, p. 95).

Não se pode ser um intelectual marxista sem realizar o *labor teórico* de acordo com as exigências da causa operária e da construção da sociedade *comunista*, sem *propagar* os resultados da teoria entre os operários e ajudá-los a que se *organizem*. Todavia, há quem faça afirmações com o seguinte teor: o marxismo não penetrou na consciência social porque a realidade reage à mudanças! A *realidade*, em sentido genérico e abstrato, é mais uma alocação escolástica, vez que para ser compreendida essa *realidade*, para além de categoria discursiva e metafísica precisa ser desfolhada para que percebamos os pilares sobre os quais se assenta: as classes fundamentais de uma determinada sociedade.

Não nos causa nenhuma espécie ter sido o marxismo excluído do ensino nas escolas burguesas. Aos olhos dos economistas, dos sociólogos e dos historiadores afinados com a burguesia, a obra marxista não passa de uma doutrina filosófica-política, enquanto que aos olhos dos filósofos idealistas é considerada uma crítica da economia política, a apontar a possibilidade de construção de outro sistema econômico. Enfim, Marx viveria no limbo entre a filosofia e a economia, portanto, limitado em suas análises por não ser nenhum e nem outro, nem filósofo e nem economista. Esta confusão trata a obra marxista como uma teoria dentre tantas outras, motivo pelo qual os mais diversos intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento fazem um esforço hercúleo para integrá-lo à herança intelectual global.

A despeito de suas origens operárias e de sua natureza radicalmente anti-burguesa, anticapitalista e antiimperialista (LENIN, 1977, p. 95) insistem os “críticos” em misturar Marx, Engels e Lenin com os mais diversos teóricos, inclusive os que são frontalmente contra eles e radicalmente favoráveis à exploração do homem pelo homem: objetivo da “salada ideológica”, confusão mental.

O marxismo é incompatível com as diversas teorias e ciências sociais, pois reduzido à simples disciplina universitária, ele só pode ser reencontrado a partir do movimento obreiro revolucionário – isto é, só pode ser encontrado em sua estreita relação com a luta de classes, fora da qual perde todo seu significado histórico e filosófico, e sua importância revolucionária.

Esquerdistas, ex-comunistas, ex-revolucionários, *ex-tudo* não perderam e não perdem a ocasião e nenhuma oportunidade de juntar-se ao medíocre e farisaico coro da burguesia. Diferentemente desses, temos que a teoria da *revolução socialista* – fator da emancipação do proletariado (emancipação tocada por sua própria responsabilidade e sob sua própria organização) – permanece indispensável como uma preciosa bússola para o pensamento e para a prática social do proletariado.

Marx foi o primeiro a explicar, na sua obra, que a existência material é o primado sob o qual se desenvolve a consciência (o subjetivo ou a subjetividade); por isto,

Era necessário salvar a dialética consciente, para integrar na concepção materialista da natureza – a natureza é a comprovação da dialética – ; que nada havia de definitivo, de absoluto, de sagrado para a filosofia dialética para quem todas as coisas caducam e nada mais existe senão um ininterrupto processo do surgir e o perecer, da ascensão sem fim do inferior para o superior, de que ela própria não é senão o simples reflexo no cérebro humano pensante;

[...] O modo de vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual, em geral;

[...] A luta de classe é o motor da história;

[...] O que domina a sociedade capitalista é a produção de mercadoria e que ela ao acelerar o processo de automação, isto é, substituindo os operários por máquinas, aumenta a riqueza num pólo e exacerba a miséria no outro;

[...] É inevitável a transformação da sociedade capitalista em sociedade socialista, sendo o motor intelectual e moral ou agente físico dessa transformação, o proletariado educado pelo e no próprio capitalismo (LENIN, 1977, p. 4-27).

O marxismo implica a estreita relação com a prática social, portanto, os temas postos por Marx e Engels têm por base experiências práticas; a prática, não no seu sentido vulgar, estrito, acanhado, mas no sentido amplo do termo que inclui, ao mesmo tempo, a luta de classes, as experimentações científicas, a criação literária, artísticas, os esportes, a ginástica, a dança, enfim, o trabalho manual/braçal fechando os extremos da cadeia.

Não estamos aqui a identificar a prática com o conhecimento, com a *reflexão* da realidade objetiva na consciência humana. No entanto, para nós, o conceito de *verdade* é impensado sem o conceito de *reflexão*, uma vez que por “*verdade* compreende-se a reflexão correta e adequada do mundo objetivo, verificada e confirmada pela prática” (LENIN, t. 18, 1983, p. 142).

A tese defendida por algumas correntes filosóficas de que o homem não se reduz a soma mecânica dos fatores que o condicionam como qualidade específica da história humana em relação com a evolução biológica, longe de ser estranho ao marxismo encontra nele seu justo lugar e seu verdadeiro significado.

No “*Comunismo e a Gazeta de Augsburgo*” (comunismo como projeto histórico de ultrapassagem do capitalismo), Marx chama atenção para um fato simples, “as idéias que tomam conta de nossas mentes, que conquistam nossos corações e aquelas que são forjadas por nossa consciência, são demônios sobre os quais os homens só podem triunfar entregando-se a eles” (MARX E ENGELS, 1979, p. 36). Neste contexto, a *educação política* é indispensável para extirpar condutas e reminiscências ideológicas capitalistas e forjar novas normas de convivência social e a consciência socialista (FRIDMAN, 1935).

Para Marx e Engels o proletariado não poderia libertar-se a si mesmo sem suprimir as condições de vida que lhe são próprias e não pode suprimir essas condições de vida sem suprimir *todas* as condições inumanas ou desumanas de vida postas pelas sociedades hodiernas. A história do capitalismo é generosa em dados que apontam a incapacidade ou os limites reais do projeto social, político e econômico instaurado em 1789 e dirigido pela burguesia – a liberdade está restrita “a *liberdade* de concorrer no mercado, a *igualdade* esgota-se na formalidade jurídica e a *fraternidade* se resolve na retórica e no moralismo” (NETO, 2004, p. 51).

Neste quadro a hegemonia burguesa está centrada na conservação dos valores dominantes (valores da classe dominante) e da ordem econômica, jurídica e política burguesa. Assim, a emancipação

da classe operária, emancipação realmente humana, só terá sentido prático enquanto parte inalienável de outro projeto social conduzido por outro sujeito histórico: o operariado. Desta certeza deriva a nossa compreensão que o processo de embrutecimento da classe operária, em curso nos países capitalistas centrais e periféricos, não será resolvido pela educação formal oficial, mas só poderá ser interrompido por um movimento social prático: a *revolução*. A *revolução* se situa no ponto de vista do todo porque é o protesto violento do homem trabalhador (do operário) contra a desumanização de sua vida. Como a ponta Marx, “a *alma política* dessa *revolução* consiste na *tendência* das classes carentes de influência política, superar seu *isolamento* no tocante ao Estado e ao *poder econômico* (MARX, 1987, p. 520).

Examinando com atenção a unidade entre o social e o político, consideramos que “toda *revolução* dissolve a *velha sociedade*, e assim considerada, é uma *revolução social*. Toda *revolução* derrota o *velho poder* e neste sentido é uma *revolução política*” (MARX, 1987, p. 520).

A *revolução social*, em Marx, está para além do ponto de vista do individualismo pequeno burguês e da ação política *à la blanquismo*. A *revolução social com alma política* significa a derrota do poder existente e a dissolução das velhas relações de produção. Sem ela [a *revolução*] a transição do capitalismo ao comunismo será inexecutável. O comunismo necessita tanto deste *ato político*, a *revolução*, quanto da destruição e dissolução do poder da burguesia para demarcar a superação do distanciamento histórico imposto entre o burguês e o proletário, necessário ao efetivo exercício do poder econômico e controle do poder político.

Nas *Cartas da Inglaterra*, de Engels, a indústria que enriquece um país é a mesma que cria uma classe de indigentes, de gente absolutamente pobre que aumenta vertiginosamente. Mas que caminho resta a essa classe, se mantidas as condições atuais do capitalismo, senão sublevar-se?

A consciência de que uma *revolução* poderia ocorrer por meios pacíficos representa segundo Engels, “uma impossibilidade e só a remoção pela violência das condições antinaturais existentes, a derrota radical da aristocracia nobiliária e industrial, melhoraria a situação material dos proletários” (ENGELS, 1981, p. 123).

No texto *Rápidos Avanços do Comunismo na Alemanha*, a *revolução social* “não pode ser evitada com nenhuma classe de medidas encaminhadas a fomentar o comércio e a indústria, o único meio de impedir tal *revolução* era a implantação e a preparação do sistema comunista” (ENGELS, 1981, p. 256).

Nos “*Dois Discursos em Elberfeld*”, Engels descortina o fenômeno da sociedade capitalista que transforma cada homem em inimigo dos demais. Segundo ele, uma economia política caótica e desorganizada teria como conseqüência “desastrosos resultados para a sociedade; a desordem que lhe serve de base e o abandono do bem estar verdadeiro e geral se manifestarão, mais ou cedo ou mais tarde, de um modo escandaloso” (ENGELS, 1981, p. 263).

Esse modo escandaloso, sobre o qual há uma profusão de falsas ilações é, na verdade, a *revolução social*. E uma *revolução social*, senhores e senhoras, é algo completamente distinto das revoluções burguesas até agora conhecidas. Ela não “será dirigida contra a propriedade do monopólio, mas contra o monopólio da propriedade; uma *revolução social* senhores [e senhoras], é a *guerra aberta* dos pobres contra os ricos” (ENGELS, 1981, p. 263).

Uma guerra com essa envergadura será uma guerra na qual opor-se-ão abertamente e sem recato, todas as causas que, por ventura, nos conflitos anteriores permaneceram veladas e ocultas. Esse conflito poderá assumir um cariz mais violento e mais sangrento que as anteriores revoluções. Nele as forças rebeladas, diferentemente das anteriores, deverão atacar e extirpar o mal pela raiz, isto é, deverão atacar as causas reais da pobreza, da miséria, da ignorância e do crime organizado; levando a cabo uma verdadeira *revolução social*.

Na *Situação da Classe Operária na Inglaterra*, obra estribada no conhecimento direto e em fontes autênticas, Engels faz um terrível relato da situação real dos operários ingleses do século XIX. Guardadas as proporções, algo permanece na sociedade capitalista do século XXI, eis que “os famintos não têm reservas para resistir aos resfriados e infecções, que irremediavelmente os levam a tumba” (ENGELS, 1981, p. 304).

Se naquele século os operários chamavam este acontecimento de assassinato social e acusavam a sociedade de cometer a todos as horas este tipo de crime, no Brasil, de Castelo a Lula, que nome deveria receber este tipo de acontecimento? Não seria por acaso genocídio social decorrente do mesmo modo de produção praticado na Inglaterra do século XIX?

O quadro retratado por Engels, *mutatis mutandis*, é verossímil ao brasileiro, pois nos bairros pobres por todos os lados se vê montões de lixo e de escória, diante das portas dos casebres líquidos parados, formando charcos pestilentos. Nos bairros insalubres, grosso modo, chamados favelas, vivem pobres miseráveis, trabalhadores mal pagos, misturados com ladrões e prostitutas. Permanecendo nestas condições, não têm outra opção ou morrer de fome ou fazer a *revolução*, alguns preferem enfrentar a polícia após pequenos e médios furtos, vez que os grandes estão reservados aos bandidos de colarinho branco.

Em decorrência do avanço da ruína da classe média e da gigantesca centralização do capital em poucas mãos, o proletariado, os trabalhadores assalariados e o *lumpem*, crescem em proporção geométrica e logo chegarão a formar a Nação inteira, exceções às poucas ilhotas de milionários. Neste caminho, chegará o momento em que eles se darão “conta de quão fácil será derrotar a ordem social existente, neste momento estará aberto o caminho para a *revolução*. A guerra dos pobres contra os ricos será mais sangrenta como jamais se conheceu” (ENGELS, 1981, p. 305).

Nada aplacará a ira dos pobres. A passagem de alguns burgueses para o partido dos trabalhadores, os esforços que a própria burguesia faça para emendar-se e corrigir seus desmandos, a nomeação da “aristocracia” operária para administrar seus interesses e minimizar os conflitos, todas estas atitudes só postergarão o processo revolucionário. A nova *Gironda* será devorada, como a outra, no transcurso da Bastilha... operária.

Marxismo, revolução e a teoria do recorte

A recorrente tese posta pelos revisionistas sobre a inadequação da *revolução* como método/alavanca de transformação da realidade – ou seja, se a *revolução* foi uma necessidade nos séculos passados, no século presente ela está ultrapassada em decorrência das mudanças positivas ocorridas com o

desenvolvimento do capitalismo – pressupõe, necessariamente, outra, mais perversa ainda, a advogar a exaustão e morte do marxismo.

Apesar dessa tese revisionista é de bom tom reportar que tanto a *revolução* quanto o marxismo continuam suscitando no mundo burguês uma hostilidade e um ódio incomensurável das ciências sociais que vêm no marxismo e na *revolução*, simultaneamente, uma espécie de seita perniciosa e um método arbitrário não democrático. Não se pode esperar outra atitude das ciências sociais, ou melhor, dos cientistas sociais e dos intelectuais burgueses, eis que na cidade do capital não há ciência social imparcial e nem intelectual neutro.

A perspectiva de alcançar a *emancipação política* da classe operária sem a *revolução* é, em primeiro lugar, uma deformação praticada contra a obra de Marx e Engels, em segundo lugar, é recortar a realidade que insiste em não ser recortada, pois a teoria do recorte, na prática, é perigosa à compreensão da realidade recortada. Sob o recorte proclama-se a suposta existência de incoerência entre o sonho da *utopia proclamada* – a sociedade sem classes, o comunismo – e o meio predicado, a *revolução socialista* como exacerbação da luta de classes.

O recorte oculta a inadequação histórica do capitalismo aos interesses e demandas dos operários e trabalhadores assalariados. E mais, o recorte escamoteia a imprescindibilidade da *revolução proletária socialista* como fator indispensável à *débâcle* definitiva do capitalismo. Mais ainda: sintonizada com a ideologia neoliberal, a teoria do recorte nega a necessidade da *revolução* como primeiro passo à edificação do modo comunista de produção da existência.

Com um acentuado ranço reacionário a teoria do recorte, ao negar e discrepar da realidade/do todo social, procura ocultar que o marxismo é a dialética da filosofia das luzes ou a filosofia das luzes como *dialética*, ultrapassando-a, ou seja, pelo *método dialético* supera os estreitos limites do materialismo do século XVIII que o desenvolvimento das ciências, à época, tornara inevitável.

O marxismo (e o seu método de transformação da realidade, a *revolução*) é herdeiro e continuador do Iluminismo porque não existe outra concepção científica da história que não seja o *materialismo histórico* a estender os princípios do *materialismo dialético* ao estudo rigoroso da vida social, ao estudo do desenvolvimento das sociedades.

Não se trata aqui de uma utopia antecipada de um futuro conhecido, mas a filosofia da história a decifrar-lhes os fatos, descobrir-lhes seu sentido, uma espécie de fio de Ariadne que, sem nos dispensar da análise sistemática de cada período histórico, nos permite discernir uma orientação correta sobre os acontecimentos.

Na *Contribuição a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Marx explica que a filosofia deve descer à terra, prolongar a crítica do céu pela crítica social, “a crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política” (MARX, 1989, p. 78). Esta crítica, diz ele, “não é *fin* em si, mas apenas um *meio*; a indignação é o seu modo essencial de sentimento, e a denúncia a sua principal tarefa” (MARX, 1989, p. 80).

Poder-se-ia dizer que a tarefa da crítica tem como

Imperativo categórico derrubar todas as condições em que o homem [operário] surge como um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível – condições que, no dizer dele, dificilmente se exprimirão melhor que na exclamação de um francês, por altura da proposta de imposto sobre cães: Pobres cães! Já vos querem tratar como homens! (MARX, 1989, p. 86).

A *revolução* em Marx é posta como historicamente necessária para suprimir o modo de produção capitalista e fazer com que os homens passem do reino da necessidade para o reino da liberdade. Ao contrário do senso comum dos intelectuais, inclusive dos esquerdistas transfigurados, o marxismo não é uma cunha teórica qualquer a separar o indivíduo de sua classe social, o homem da história, o cientista do moralista, o homem culto do ignorante, o burguês do operário: o marxismo é um método de pensamento e linha de ação que resolve e supera as contradições do real. O pensamento e obra de Marx e Engels estão estreitamente unidos à realidade cuja evolução nasce do esforço do homem trabalhador para conquistar a Natureza, transformando-a e por ela sendo transformado. Mais do que uma cunha, o marxismo é uma espécie de amalgama dialética que resgata a indissociabilidade entre teoria e prática, restabelece a relação do pensamento com a realidade.

Marx, Engels e Lenin recolocam a filosofia na luta política e devolvem à *intelligentsia comunista* sua verdadeira função original de organizadora da *conduta* revolucionária. Portanto, é o marxismo quem restabelece a unidade e a dignidade do homem trabalhador. Ao contrário da *doxa* dos intelectuais burgueses, enquanto *logos teoretikós* o marxismo se configura como uma empreitada prática e teórica a propiciar a ação e a crítica intransigente e conseqüente quanto ao domínio e extorsão do capital sobre o trabalho.

Incontornável, o marxismo é mil vezes mais percuciente que qualquer outra concepção de mundo e suas teorias tributárias. Ao analisar o capitalismo o faz despindo sua dinâmica, suas contradições e suas recidivantes crises cíclicas. O marxismo, dizemos isto a plenos pulmões, significa no *plenum* do século XXI a possibilidade concreta da *revolução socialista*, o fim da exploração do homem pelo homem, exploração capitalista, a emancipação dos trabalhadores e a edificação da sociedade comunista.

Instrumento de análise concreta da realidade concreta, seu sistema de categorias visa não apenas interpretar e compreender o mundo circundante, mas fundamentalmente transformá-lo. A perspectiva de Marx e Engels traduzida pelos comunistas é um convite à ação política revolucionária/*praxis revolucionária*. A análise recente da realidade mundial, agora sob a influência decisiva e anacrônica da ideologia *neoliberal*, confirma a profundidade científica da obra marxista. Assevera-se a convicção de que o materialismo dialético é único na explicação da amplitude da história humana; por ser o mais frutífero ponto de partida para a discussão moderna e ponto de chegada.

Assevera-se ainda que sem a leitura dos livros escritos por Lenin *O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*, *O Imperialismo, etapa superior do Capitalismo* e *O Estado e a Revolução*, não se consegue compreender a contento o eufemismo globalização da economia e nem as crises inerentes à economia política ocorridas entre 1929 e 2009.

Analítico e prescritivo, o marxismo não tem como propósito apenas interpretar e descrever, mas transformar o mundo, sobretudo, enquanto razão teórica que se transforma em força material logo que ocupa espaço na consciência de classe do proletariado.

A validade empírica do prognóstico de Marx, afirma como inexorável, em primeiro lugar, a depauperação absoluta, e não relativa, do proletariado, pois, na verdade, o trabalhador industrial vive hoje em condições notavelmente piores que em 1800; e, em segundo lugar, a *revolução* como único caminho à superação da depauperação econômica e social dos trabalhadores em escala mundial. Nas circunstâncias atuais de precariedade, delinqüência e deliquescência estrutural e econômica, bem como da superestrutura jurídica, política e ideológica, em que vivem os trabalhadores industriais, os que escapam constituem uma parte relativamente pequena desse enorme contingente.

Construído e encimado em movimentos sociais tidos como supostos empíricos – homens e mulheres produzindo coletivamente em sociedade e explorados/espoliados por outros homens e outras mulheres que nada produzem –, o marxismo mais vivo que dantes, é a *crítica radical* necessária à construção de outra forma de enxergar a realidade, não mais fragmentada, mas em sua totalidade inquebrantável.

Ser radical no presente século é, como dantes, apanhar as coisas e os fatos sociais pelas raízes. Neste caso, nada menos dogmático do que aquele que procura a raiz do pensamento e das causas do próprio pensamento, pois, *como diria Marx*, a raiz do homem é o próprio homem.

Não ser *radical* é simplesmente não compreender e, por isto mesmo, não aceitar a política como “expressão concentrada da economia”, e nem que ela (a política) tenha a primazia sobre a economia. Raciocinando doutro modo não se consegue compreender o *a, b, c*, do marxismo. Apesar das deformações praticadas pelos não *radicais* contra o marxismo entendemos que os interesses essenciais e decisivos da classe operária só podem ser satisfeitos, grosso modo, como decorrência de transformações sociais radicais. Com efeito, os interesses econômicos fundamentais desta classe só podem ser satisfeitos por meio da *revolução socialista*, uma *revolução* política para substituir a ditadura burguesa pela ditadura do proletariado

Ao recorte, o concreto

À análise dos fenômenos sociais e históricos multifacetados sobre os quais nos debruçamos é fundamental e indispensável começar pelo real, pelo concreto, ou seja, pela totalidade à medida que

É o ponto de vista da totalidade e não da predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisivo o marxismo da ciência burguesa. A categoria da totalidade, a dominação do todo sobre as partes, que é determinante e se exerce em todos os domínios, constituem a essência do método que Marx tomou de Hegel e que transformou de maneira original para dele fazer fundamento de uma ciência inteiramente nova (LUKÁCS *apud* NETO, 2004, p. 58).

A cidade do capital é o lócus da produção e afirmação da teoria revolucionária e da prática revolucionária, pensar o contrário é desconhecer a obra de Marx e Engels e assumir de forma infantil a

política revisionista e a prática reformista hegemônica neste país como redentora dos operários e excluídos.

Não podemos esquecer as lições da história da humanidade, de modo que quando uma classe social toma ou pretende tomar

[...] o lugar daquela que antes dela dominava, é obrigada, para realizar os seus fins, a apresentar os seus interesses, como sendo o interesse coletivo (sic!) de todos os membros da sociedade, ou seja, é obrigada a exprimi-lo idealmente, a dar aos seus pensamentos a forma de universalidade, a apresentá-los como os únicos racionais e universalmente válidos (MARX, 1990, p. 93).

A burguesia desde 1789, enquanto classe dominante,

[...] determina uma época histórica em toda a sua extensão, [e] é evidente que a determina em todos os seus aspectos, e que, portanto, domina, entre outras coisas, enquanto conjunto de seres pensantes, enquanto produtores de pensamentos, que fixam a produção e a distribuição do pensamento do seu tempo, e, por conseguinte, os seus pensamentos são os pensamentos dominantes da época (MARX, 1990, p. 93).

Parece escapar aos intelectuais em geral e aos esquerdistas em particular, um pequeno detalhe apontado por Marx:

Quanto menos cada um comer, beber, comprar livros, for ao teatro ou ao baile, ao bar⁴, quanto menos cada um pensar, amar, teorizar, cantar, pintar, poetar, etc., tanto mais poupará, tanto maior será seu tesouro, que nem a traça e a ferrugem roerão, o seu capital. Quanto menos cada um for, quanto menos cada um expressar a sua vida, tanto mais terá, tanto maior será a sua vida alienada e maior será a poupança da sua vida alienada (MARX, 1989, p. 201).

O marxismo enquanto teoria da expropriação dos expropriadores (sem esquecermos a revolução como fórceps político à superação dos estreitos limites da ideologia burguesa) tem uma espécie de ementa peculiar e atual enquanto perdurar o primado do capital sobre o trabalho: (1) O papel histórico da classe operária como criadora do socialismo, primeira etapa da sociedade comunista; (2) A revolução socialista como instrumento da abolição da miséria, exploração e extorsão do homem pelo homem e das humilhações postas e impostas pela classe dominante; (3) O processo de libertação da classe operária como fator principal da libertação de toda a sociedade; (4) A necessidade da derrubada da sociedade capitalista, das suas instituições estatais e das organizações não-governamentais financiadas pela iniciativa privada e pela banca financeira internacional para arrefecer a luta de classes com reformas cosméticas.

A radicalidade analítica nos faz compreender como necessária e exequível a socialização dos meios e instrumentos de produção, como da própria produção, distribuição e consumo. É necessário, portanto, formar a consciência crítica da totalidade ou consciência de classe que vai além da aparência, derruba máscaras e ilusões pagando o preço da crítica, da luta, da transgressão, da desobediência rumo à *revolução*. Não podemos permanecer na ilusão pequeno-burguesa onde a teoria (a educação teórica) é o suficiente para reparar os erros e mazelas da sociedade.

Para além dessa ilusão pequeno-burguesa entendemos e reafirmamos como o fizeram Marx, Engels e Lenin que apenas com uma *revolução socialista* o proletariado pode derrubar não apenas a classe dominante, mas, sobretudo, colocar em prática a anulação total das classes sociais.

A *revolução socialista* é o concreto histórico e socialmente imprescindível para a classe que provoca a queda da burguesia poder alcançar o objetivo de se desfazer do lixo autoritário acumulado, assumir uma nova função social e principiar a edificação da sociedade comunista. A organização da *prática revolucionária* deve ser enfocada na educação como conteúdo e necessidade histórica e principal tarefa da classe operária, pois apenas na prática revolucionária se pode educar ou se educam os homens e mulheres de amanhã.

Relembrando. O marxismo é antes de tudo um método de pensamento, uma teoria do conhecimento, uma filosofia e uma linha de ação que se propõe resolver e superar as contradições do real, que todas as outras doutrinas e teorias do conhecimento se limitam a refletir a referendar.

A ação crítica e revolucionária

A ação revolucionária deve ser enfocada na educação em geral e no ensino escolar em particular como necessidade histórica e principal tarefa da classe operária, pois apenas pela prática revolucionária é possível educar os homens e as mulheres livres de amanhã.

A nosso juízo a real humanização do homem que corresponde à cidadania plena, na contramão da cidadania parcelar observada na cidade do capital é levada ao fim e ao cabo, não pelo trabalho, mas pela *revolução* (expropriação dos expropriadores e ditadura do proletariado) enquanto base fática da edificação da sociedade comunista.

A *revolução* representa “a derrocada do estado de sociedade existente; a superação da propriedade privada; então a libertação de cada indivíduo singular é alcançada na mesma medida em que a história transforma-se completamente em história mundial” (MARX e ENGELS, 1979, p. 54). A *subversão total* ou *revolução* não pode prescindir dos seguintes elementos materiais historicamente construídos ou em construção,

[...] de um lado, as forças produtivas existentes e, de outro, a formação de uma massa revolucionária que se revolte, não só contra as condições particulares da sociedade existente até então, mas também contra a própria “produção da vida” vigente, contra a “atividade total” sobre a qual se baseia (MARX e ENGELS, 1979, p. 57).

É falsa e oportunista a pregação e a proclamação da idéia da *revolução* como parteira da história quando os elementos materiais ou *condições objetivas* não existem. Por outro lado, determinadas condições de existência na cidade do capital, como as observadas neste país (desemprego, fome, miséria, brutalidade máxima e explícita, corrupção, gatunagem, malversação do erário etc.), não podem ser consideradas como anormalidades não-modificáveis, perenes, imutáveis, eternas, diante das quais nos desesperamos antevendo a impossibilidade de sua erradicação por serem, dizem, características humanas não aprendidas.

Mas felizmente milhões de homens e mulheres em processo de humanização pensam de modo diametralmente oposto, e irão provar no devido tempo, quando puserem sua *existência* em harmonia com

sua *consciência* “de uma maneira prática, através de uma *revolução*” (MARX e ENGELS, 1979, p. 63). Para os comunistas trata-se de revolucionar o mundo existente, de atacar e transformar, na prática, o estado de coisas existente. Até porque as coisas foram tão longe que os indivíduos devem apropriar-se da totalidade existente das forças produtivas, não apenas para alcançar a auto-atividade, mas tão-somente para assegurar e transformar sua existência insuportável, em existência plena de realizações.

A expropriação dos expropriadores pelos proletários, processo no qual parte do que foi expropriado/apropriado é subsumido a cada indivíduo e a propriedade de todos, só poderá realizar-se por intermédio de uma *revolução*. Uma *revolução* que, de um lado, derrube o poder do modo de produção, de intercâmbio anterior e da estrutura social vigente, e que desenvolva o caráter universal e a energia do proletariado necessária para a realização dessa apropriação, do outro lado.

É necessária a criação em massa de uma *consciência comunista*, naturalmente, oriunda da transformação em larga escala dos homens e mulheres. Essa consciência sintonizada com a história indicará que apenas a *revolução* é o instrumento único e indispensável ao desmonte das quadrilhas que controlam a economia política neste país. Discursos em contrário são extemporâneos e reacionários à espera que a terra se faça céu e o céu se faça terra, para então, brilhar eternamente, em meio a celestial harmonia, a alegria e a felicidade.

Considerações finais

Encimados na razão contrária a predicada pelos intelectuais da ordem, entendemos a *revolução* como a porta de acesso à construção de uma sociedade sobre novas bases, a sociedade comunista. Essa sociedade se distingue de todas as outras por ser “a base real para tornar impossível tudo o que existe independentemente dos indivíduos, na medida em que o existente nada mais é do que o produto do intercâmbio anterior dos próprios indivíduos” (MARX e ENGELS, 1979, p. 110).

É a *revolução* e não o trabalho o instrumental capaz de fazer o proletariado acessar por livre escolha o acervo cultural produzido e acumulado historicamente, sem o qual a humanização do *Homo* e, obviamente, a construção da cidadania plena não são mais do que categorias discursivas, vazias, engodo retórico, perorata de revisionistas e oportunistas inescrupulosos.

Hoje mais que dantes está clara e cristalina que a *revolução* é imprescindível à derrota do capitalismo, por isto, convém insistir sobre uma questão bastante palpável: o peso terrível do *costume* ou da *tradição* burguesa que por intermédio da ideologia pequeno-burguesa representou/representa (A) um fator de postergação do sonho acalentado por gerações e gerações: a sociedade comunista; (B) a negação da tomada do poder de Estado pela *revolução socialista* como peça estratégica para a dominação de classe do trabalho sobre o capital.

A formação de consciências críticas necessárias à superação das concepções místico-religiosas serventes à dominação da burguesia, não pode prescindir da crítica ácida aos fundamentos da imaterialidade nos quais o homem se nega a si próprio e à sua independência. A crítica desta ordem social que, ao longo dos anos vem forçando a classe operária a renunciar a uma vida digna e a subordinar-se ao

capital; são os aspectos incontornáveis da trajetória de luta para alcançarmos a emancipação real de todos os homens e mulheres e construirmos o modo comunista de produção da existência.

Sob este prisma de análise a *revolução* é questão relevante para aqueles que acreditam na *utopia comunista*. A *revolução* é parte indissociável do processo da transformação social. A dialética materialista, como visão do processo histórico nos seus movimentos contraditórios, coloca-nos o problema da *libertação da consciência* da classe operária, como dito acima, dos elementos míticos e alegóricos que têm se configurado como problema ligado, necessariamente, a derrubada da ordem social que oprime e extorque o proletariado e os trabalhadores assalariados.

O intelectual marxista para ser útil ao proletariado e aos trabalhadores assalariados deve distinguir casos concretos de compromissos que, à luz da razão, são a mais pura e inadmissível expressão do oportunismo e do alpinismo social. Contra tais compromissos concretos toda a força da crítica com o propósito do desmascaramento implacável, daqueles que inventam para os operários e trabalhadores assalariados receitas que apresentam soluções adequadas para todas as circunstâncias e demandas individuais e coletivas.

Essas soluções não se encontram na *revolução socialista*, mas na conspirata de grupelhos de intelectuais pequenos burgueses. A teoria da conspiração aponta a possibilidade dos trabalhadores se libertarem da escravidão assalariada por meio de um *complot* da minoria de iluminados jacobinos sem *guilhotina* e não por intermédio da luta de classes dos operários e trabalhadores assalariados.

A suposta crise do marxismo nos obriga, em primeiro lugar, redobrar atenção particularmente sobre a obra de Marx, Engels e Lenin, pois as teorias hegemônicas negam à tendência revolucionária o direito de existência, condenando-a tarde ou cedo; à bancarrota política; em segundo lugar, adotar de modo resoluto uma posição rigorosamente determinada na luta da classe operária contra a classe dos capitalistas.

O marxismo exige de nós máxima atenção à luta da classe operária em desenvolvimento, na qual, à medida que o movimento se expande, cresce a consciência dessa luta. As crises do capitalismo se tornam cada vez mais agudas e mais frequentes, táticas, meios ou procedimentos novos e diversificados de defesa e ataque são engendrados.

Na contramão das teorias burguesas, o marxismo *aprende* e se *robustece* nas crises com a prática da classe operária e dos trabalhadores assalariados, e longe de pretender *ensiná-los* as formas de luta, enquanto linha de ação segue adiante com eles até a vitória!

Mas há caminhos a percorrer que justifica nossa crítica:

Reafirmar a perspectiva da totalidade própria e característica do marxismo, como paradigma oposto ao positivismo, ao *falsificacionismo científico* e à *deformação científica* evidenciadas na preocupação dos intelectuais em purificar as ciências e a educação do político e do ideológico.

Encetar a crítica acerba, exercendo-a na síntese das múltiplas determinações para ratificar a irreduzibilidade da realidade a momentos de uma prática sem teoria ou de uma teoria sem prática, ambas

calçadas no professoralismo, na erudição retórica e na ignorância sobre o particular inexistente senão à medida que se vincula ao geral.

Evidenciar que a força de trabalho coletiva extorquida e desumanizada é meio para colocar em cheque a pregação dos *neoliberais* sobre a melhora da qualidade de vida do proletariado ocultando sua hedionda espoliação.

Por isto, procede repetir quantas vezes for necessário: o capital é a manifestação objetiva do trabalho no qual o operário se encontra totalmente perdido para si próprio (MARX, 1989, p. 173). Ao capitalista não basta apenas que o trabalhador perca suas necessidades humanas; deverá perder também suas demandas animais, claramente biológicas (MARX, 1989, p. 209).

O senso comum dos intelectuais orgânicos da burguesia, imiscuídos no meio operário, nada mais faz senão discorrer sobre sombras, para além da realidade. Não há em suas argumentações a mínima possibilidade, nem um *minimo minimorum* de racionalidade a sustentar a tese que retira do mundo da cultura distrativa o seu conteúdo e seu caráter de classe.

Face ao quadro irrefutável no qual se agiganta o capitalismo e exacerba-se a desesperança da classe operária, os intelectuais inventam categorias discursivas e teorias novidadeiras insustentáveis tanto no plano científico quanto no plano filosófico. A rigor, misturam teorias antitéticas e glosam tantas outras simplesmente para adaptá-las à sua parca concepção de mundo. Pintam e bordam, sem nenhum constrangimento, para ver justificadas suas ações conservadoras no interior da Academia.

Enfim, diante das evidências conservadoras/reacionárias que se agitam e se agigantam dia a dia, o marxismo permanece indispensável à desobstrução da retórica positivista e pragmática hegemônicas no interior da universidade pública brasileira que um dia, bem distante, foi espaço coadjuvante de deslegitimação da ordem e de reconstrução do real que se revela como história.

Bibliografia

ENGELS, F. *Anti-Dübring*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ENGELS, F. *Cartas de Inglaterra*. In Escritos de Juventud. MARX, K y ENGELS, F. Obras Fundamentales 2. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

ENGELS, F. *Rápidos avances del comunismo en Alemania*. In Escritos de Juventud. MARX, K y ENGELS, F. Obras Fundamentales 2. México, Fondo de Cultura Económica, 1981.

ENGELS, F. *Dos discurso en Elberfeld*. In Escritos de Juventud. MARX, K y ENGELS, F. Obras Fundamentales 2. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

ENGELS, F. *Situación de la clase obrera en Inglaterra*. In Escritos de Juventud. MARX, K y ENGELS, F. Obras Fundamentales 2. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

FRIDMAN, S. *Problemas de pedagogia marxista*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935

LENIN, V. I. *Contra o dogmatismo e o sectarismo no movimento operário*. Moscou: Progresso, s.d.

LENIN, V. I. *Karl Marx*. Obras Escolhidas em três tomos, t. 1. Lisboa: Avante/ Moscou: Progresso, 1977.

LENIN, V. I. *Marxismo e revisionismo*. Obras Escolhidas em três tomos, t. 1. Lisboa: Avante! / Moscou: Progresso, 1977.

- LENIN, V. I. *Obras Completas em cinquenta e cinco tomos, t. 18*. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1983.
- LENIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. In *Obras Escolhidas em três tomos, t. 1*. Moscou: Progresso, 1977.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1983.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MARX, K. *Manuscritos econômicos - filosóficos*. Lisboa. Edições 70, 1989.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã I – Feuerbach*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MARX, K. *Textos filosóficos*. São Paulo: Mandacaru, 1990.
- MARX, K. y ENGELS, F. *Obras Fundamentais*, v. 4. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- NETO, J. P. *Marxismo impenitente: contribuição à história das ideais marxistas*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SWEZZY, P. M. *4 conferências sobre o marxismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
-

Notas

¹ Departamento de Desportos do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação (UEL). Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Trabalho e Educação (HISTEDBR / UNICAMP). Email: chicomauri@hotmail.com

² Grifos meus.

³ Marx refere-se à sublevação dos tecelões da Silésia ocorrida entre 4 e 6 de Junho de 1844. Esta sublevação foi considerada, por Marx, como a primeira grande manifestação da luta de classes do proletariado contra a burguesia, na Alemanha, é o marco inicial da entrada em cena da história da classe operária alemã (In MARX y ENGELS, v. 4, 1987).

⁴ O bar é o único lugar possível onde todos os iguais, os oprimidos e os excluídos; os desqualificados ou os *ninguéns* se reúnem contando mentiras para poder suportar a perversidade das reformas capitalistas praticados por um Presidente demagógicamente “cego”, um Parlamento irresponsavelmente mudo e uma “esquerda” que deletéria apenas lamenta.